200

CAMÕES:

o soneto «Quando cuido»

TEXTO E COMENTÁRIO

PELO

Dr. José Maria Rodrigues

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1929

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

CAMÕES:

o soneto «Quando cuido»

TEXTO E COMENTARIO

CAMÕES:

o soneto «Quando cuido»

TEXTO E COMENTÁRIO

PELO

Dr. José Maria Rodrigues

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1929

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE COIMBRA

SEPARATA

DA

Miscelânea scientifica e literária

DEDICADA AO

DR. J. LEITE DE VASCONCELOS

Camões: o soneto «Quando cuido». Texto e comentário

Entre as poesias de Camões publicadas a primeira vez em 1668 por D. António Álvares da Cunha (1), encontra-se o seguinte soneto:

Quando cuido no tempo que contente
Vi as pérolas, neve, rosa e ouro,
Como quem vê por sonhos um tesouro,
Parece tenho tudo aqui presente.
Mas, tanto que passa êste acidente
E vejo o quão distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar também me ausente.
Já foram dias em que por ventura
Vos vi, Senhora, se assim dizendo posso
Com o coração seguro estar sem mêdo.
Agora, em tanto mal, não me assegura
A própria fantasia e nojo vosso.
Eu não posso entender êste segrêdo.

Imprensa da Universidade de Coimbra

Da edição de 1668 passou o soneto para as que se lhe seguiram até a de Hamburgo (1834), com excepção da de 1670, que não reproduz as poesias publicadas dois anos antes por Álvares da Cunha, e da de Faria e Sousa (1685-1689), vinda a lume bas-

(1) *Terceira parte das Rimas do princepe dos poetas portugueses Luis de Camoens, tiradas de varios manuscriptos muitos da letra do mesmo Autor, por D. Antonio Alvares da Cunha, offerecidas a soberana alteza do principe Dom Pedro. Por Antonio Craeesbeeck de Mello. Impressor de S. Alteza, & a sua custa impressas. Anno de 1668.*

tantes anos depois do falecimento do famoso camonista (1649), que não teve conhecimento do soneto ou não o julgou de Camões.

A edição de Hamburgo omitiu-o, porque se guiou pela de Faria e Sousa, e a da *Biblioteca Portuguesa* (Lisboa, 1852) não o traz, por seguir a de Hamburgo.

Reapareceu, porém, nas edições do Visconde de Juromenha (1861) e do Dr. Teófilo Braga (Pôrto, 1873), sob os números, respectivamente, 276 e 144.

¿Será o soneto autêntico, ou pertencerá ao número de tantas poesias que têm sido indevidamente atribuídas a Camões? Tal é o primeiro problema que se nos oferece.

Antes de mais nada, cumpre observar que o soneto ou não foi copiado do autógrafo (1) com inteira fidelidade ou deriva de um apógrafo mal transcrito, já viciado.

Para disto nos convencermos, basta, por emquanto, reparar no verso 10, que está insanàvelmente errado pelo que toca à métrica e que só se poderá salvar com a alteração do texto.

Mas tal facto, é claro, não fornece, só por si, um argumento contra a autenticidade, pois o êrro pode ser devido a um copista.

Também nada prova a favor dela a circunstância de Álvares da Cunha ter considerado a poesia como de Camões, pois apresenta como tais, e até como inéditas, composições de outros autores, algumas já publicadas (2).

O que é certo é que muito tempo antes da edição de 1668, e naturalmente ainda em vida do Poeta, já o soneto figurava entre os seus na colecção manuscrita de poesias organizada ou, pelo menos, começada a organizar em Goa, no ano de 1577, e conhecida pelo nome de *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro.*

Sabemo-lo pelo respectivo *Índice*, de que nos resta uma cópia,

---

(1) Cf. o título da edição de Álvares da Cunha.

(2) Estão neste caso treze sonetos de Bernardes, dois de Álvares do Oriente e um de Garcilasso. Cf. D. Carolina Michaëlis, *Zeitschrift* de Gröber, v, 111.

publicada e comentada por D. Carolina Michaëlis (1). Aí se encontra, com efeito, apontado o soneto, como as outras composições, pelo primeiro verso:

Quando cuido no tempo que contente.

Não se pode, porém, concluir daqui que êle, só por êste facto, fica sendo indiscutìvelmente camoniano, pois o coleccionador, como se vê pelo *Índice*, atribui a Camões sonetos de Bernardes e vice-versa, e faz mais, pois chega a dar a mesma poesia como pertencente aos dois (2).

Em todo o caso, o facto de ser o soneto tido como de Camões — e só dêle — em um Cancioneiro organizado ou principiado a organizar em 1577, ministra uma forte presunção a favor da sua genuïnidade.

E esta presunção é corroborada, por uma forma que não deixa dúvidas, quer pela linguagem e pelos conceitos, quer, sobretudo, porque constitui um elo na agitada vida amorosa do Poeta e é o documento comprobativo de uma fase por que essa vida passou.

*

Antes, porém, de desenvolver êstes pontos, vejamos qual o estado do texto.

No v. 2 o conde de Azevedo e Silva lê «rosas» (3).

Não há dúvida que o Poeta costuma neste caso empregar o plural. Cf., por ex., na canção VII: «as rosas entre a neve semeadas» (v. 28); «Por entre vivas rosas e alva neve» (soneto *Amor, que o gesto*); «secas do rosto as rosas» (*Os Lusiadas*, III, 134). Mas às vezes também aparece o singular. «A côr, de rosa e neve semeada» (soneto *Senhora minha, se de pura inveja*);

(1) *Estudos Camonianos*, II. *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro.* Coimbra, 1924. O *Índice* dá o *Cancioneiro* como escrito em 1577; mas pode ser que esta data seja apenas a do início da compilação e que, como tal, figurasse apenas no frontispício. Também é possível que outra pessoa elaborasse o registo posteriormente.

(2) Cf. D. Carolina Michaëlis, *ob. cit.*, pág. 96.

(3) *Boletim da segunda classe da Academia das Sciências*, VII, 297.

«A vista, a neve, a rosa, a formosura» (canção *Vinde cá*). Não há, portanto, necessidade de alterar o texto.

No v. 4, T. Braga prefere: «tudo tenho», mas não há vantagem nenhuma na troca.

V. 8. Naturalmente: «De que», complemento de «agouro».

V. 10. Deve ler-se, me parece: «se isto dizer posso».

E v. 11: «seguro, sem ter mêdo».

Outras propostas de emenda para o v. 10:

a) «se dizê-lo posso» (edição de 1782-1783, dirigida pelo padre Tomás de Aquino).

O verso fica certo, mas resta saber a quem se liga a cláusula «estar sem mêdo» do v. 11. Não pode ser senão a «Vos vi»; mas disto infere-se que a Senhora a quem o Poeta se refere está agora com mêdo. Ora pelo contexto é patente que quem está com êle é Camões: mêdo de sofrer, se disser que já foi tempo em que a viu.

b) O conde de Azevedo e Silva corrige: «se assim dizer posso... e estar sem mêdo» (1).

Desaparece dêste modo o inconveniente que acaba de ser apontado e o sentido não se altera, mas a ligação gramatical não é corrente. A frase «estar sem mêdo» ficaria coordenada a «dizer» e subordinada só a «posso». Depois da copulativa seria necessário subintender: «se, dizendo assim, posso estar» etc. Em «e estar sem mêdo» repete-se o conceito já expresso, alongando a construção, que fica desconjuntada.

c) W. Storck suprime no v. 10 o advérbio «assi». Mas o gerúndio «dizendo» não pode ser aqui tomado como sinónimo do intransitivo «falando»; é preciso juntar-lhe uma palavra *(assim, isto)*, que nos reporte àquilo que o Poeta não pode dizer sem perigo.

T. Cannizzaro traduz o passo para o italiano, como se no texto se lesse «se dizer posso» em parêntese, ficando todo o verso 11 dependente de «Vos vi» (2).

---

(1) *Boletim* cit.

(2) Tempo fu già che sol per mia ventura
vidivi, si può dir, Signora mia,
Tranquilla star con cor sereno e listo.

Luis de Camões, *I sonetti*. Bari, 1913. Pág. 103, soneto 141

É a interpretação inadmissível do Padre Tomás de Aquino, atenuada pela maneira como o v. 11 é traduzido.

No v. 13 o contexto mostra que é necessário ler-se: «Da própria fantasia o enojo vosso» (1).

O conde de Azevedo e Silva apenas acrescenta a copulativa antes de «o nojo».

Recapitulando: o texto do soneto deve ter saído assim da pena do Poeta:

Quando cuido no tempo que contente
Vi as pérolas, neve, rosa e ouro,
Como quem vê por sonhos um tesouro,
Parece tenho tudo aqui presente.
Mas, tanto que se passa êste acidente
E vejo o quão distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro
De que de imaginar também me ausente.
Já foram dias em que por ventura
Vos vi, Senhora, se isto dizer posso
Com o (2) coração seguro, sem ter mêdo.
Agora, em tanto mal, não me assegura
Da própria fantasia o enojo vosso.
Eu não posso entender êste segrêdo!

*

Na 1.ª quadra, o Poeta, muito afastado de Lisboa (cf. o v. 6), reporta-se pela imaginação ao tempo em que era admitido à presença da Infanta D. Maria, e parece-lhe que sente de novo aquelas impressões de que nos dá notícia em tantas das suas poesias,

---

(1) Cf. o soneto 65 (Braga):

Dai-me uma lei, Senhora, de querer-vos,
Por que a guarde, sob pena de enojar-vos,
Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos
Fará que fique em lei de obedecer-vos.
Tudo me defendei, senão de ver-vos
E dentro na minha alma contemplar-vos,
Que, se assim não chegar a contentar-vos,
Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos.

(2) Em «Com o» uma silaba só. Hoje «Co'o». Cf., por ex., em *Os Lusiadas*, I, 13, 6: «Deixou, com a grande e próspera victoria». Outros casos ainda em II, 100, 8; VIII, 33, 6; etc.

de que basta transcrever êste soneto (Juromenha, n.º 78; Braga, n.º 81):

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e perlas, doce riso;
Debaixo de ouro e neve, côr de rosa;
Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se pode por arte e por aviso,
Como por natureza, ser formosa;
Fala de que ou já vida ou morte pende,
Rara e suave, emfim, Senhora, vossa;
Repouso na alegria comedido:
Estas as armas são com que me rende
E me cativa Amor; mas não que possa
Despojar-me da glória de rendido.

Segunda quadra. Mas quando deixa de representar na mente o tempo em que via a bem-amada, quando se lembra do que tem sofrido por causa dela, outra ideia lhe ocorre, que o assusta: — a de não pensar mais em quem o fêz exilar para tão longe.

Primeiro terceto. Já houve tempo em que a viu com olhos de apaixonado, mas agora tem mêdo de nem isso poder dizer, pois lhe pode ser perigoso falar em tal assunto.

Segundo terceto. O aborrecimento, a má vontade que a Infanta lhe tem mostrado, não o asseguram da própria fantasia, que lhe está a sugerir a resolução de a esquecer. ¡Mas como era possível esquecê-la quem tinha protestado que tal não faria, ainda que houvesse de morrer! ¡Eis um segrêdo que não podia compreender!

Com que amargura se não devia recordar agora Camões do tempo em que escreveu êstes dois audaciosos sonetos:

Crescei, desejo meu, pois que a ventura
Já vos tem nos seus braços levantado;
Que a bela causa de que sois gerado
O mais ditoso fim vos assegura.
Se aspirais por ousado a tanta altura,
Não vos espante haver ao Sol chegado,
Porque é de águia real vosso cuidado,
Que, quanto mais o sofre, mais se apura.
Ânimo, coração! que o pensamento
Te pode inda fazer mais glorioso,
Sem que respeite a teu merecimento.

Que cresça inda mais é já forçoso,
Porque, se foi ousado o teu intento,
Agora de atrevido é venturoso.

Num tão alto lugar, de tanto preço,
Êste meu pensamento pôsto vejo,
Que desfalece nele inda o desejo,
Vendo quanto por mim o desmereço.
Quando esta tal baixeza em mim conheço,
Acho que cuidar nele é grão despejo,
E que morrer por êle me é sobejo
E mor bem para mim do que mereço.
O mais que natural merecimento
De quem me causa um mal tão duro e forte,
O faz que vá crescendo de hora em hora;
Mas eu não deixarei meu pensamento,
Porque, inda que êste mal me cause a morte,
Un bel morir tutta la vita honora.

*

¿Como é que o Poeta pôde sentir abalado um pensamento que tão profundamente se lhe radicara na alma, a ponto de desafiar a própria morte? ¿Não tinha êle escrito êstes versos:

...«Ponha-me a Fortuna e o duro Fado
Em morte, ou nojo, ou dano ou perdição,
Ou em sublime e próspera ventura;
Ponha-me, emfim, em baixo ou alto estado:
Que até na dura morte me acharão
Na lingua o nome, e na alma a vista pura»?

(Soneto — *Quem quiser ver*).

É que, a par do «nojo», isto é, do aborrecimento, da má vontade da Infanta, a quem devia o exílio para o Ribatejo e depois para Ceuta (1), e agora a fixação da sua residência nas

(1) Na *Ode à Lua*, escrita em Ceuta, pondera êle:

Triste de mim! Que alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem já ergueu a mão para matar-me,
Como a cruel inimigo?
. . . . . .
Oh! Quanto há já que o céu me desengana,
Mas eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana!

Molucas, a par dêste «nojo», que se lhe representava na imaginação, outra causa devia ter começado a actuar no coração do Poeta. Era «o mágico veneno» que nêle ia instilando a «celeste formosura da sua Circe», da enigmática Dinamene.

Eis como termina o soneto *Um mover de olhos*, em que o Poeta enumera as qualidades que tão profundamente o impressionaram:

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

Êste soneto permite-nos também fixar o *terminus ante quem* foi escrito o que é o assunto dêste artigo: foi antes do naufrágio em que Dinamene pereceu.

Por outro lado, o *terminus a quo* é-nos ministrado pela canção *Com fôrça desusada*, reveladora do profundo desânimo motivado pelo que o Poeta tem sofrido por causa do seu «pensamento»:

Quem tem que perder possa
Só pode recear;
Mas triste quem não pode já perder!
Senhora, a culpa é vossa,
Que, para me matar,
Bastara uma hora só de vos não ver.
Pusestes-me em poder
De falsas esperanças;
E do que mais me espanto,
Que nunca vali tanto,
Que visse tanto bem como esquivanças.
Valia tão pequena
Não pode merecer tão grave pena!
. . . . . .
E agora venho a dar
Conta do bem passado
A esta triste vida e longa ausência.
Quem pode imaginar
Que houvesse em mim pecado
Digno de uma tão grave penitência?
Olhai que é consciência,
Por tão pequeno erro,
Senhora, tanta pena.

Não vêdes que é onzena?
Mas se tão longo e mísero destêrro
Vos dá contentamento,
Nunca se acabe nele meu tormento.

Compreende-se facilmente a transição dêste estado de alma para o que nos é revelado pelo soneto *Quando cuido*. E vê-se também como o terreno se ia preparando para nêle começar a produzir efeitos «o mágico veneno» da perturbante Dinamene.

Mas a canção *Com fôrça desusada* e o soneto *Um mover de olhos* não nos determinam apenas a época em que foi composto o soneto *Quando cuido;* autorizam também a inferência relativa ao lugar em que nessa ocasião estava o Poeta, «tão distante como êle (declara) daquela por quem morria».

Deve te-lo escrito nas Molucas ou, mais precisamente, em Ternate, a ilha da canção citada, segundo tudo me leva a crer.

*

Camões tem mêdo de dizer que já houve tempo em que «viu» (1) a Infanta:

Já foram dias em que por ventura (2)
Vos vi, Senhora, se isto dizer posso
Com o coração seguro, sem ter mêdo.

Porquê? ¿Quem lhe impôs êste preceito ou outro de onde êle derivava?

---

(1) Sinónimo atenuado de «amar». Cf., por exemplo, o soneto 160 (B):

. . . . . .
Quando Amor á razão obedecer
E em todos fôr igual uma ventura,
Deixarei eu de ver tal formosura
E de a amar deixarei, depois de a ver.
Porém, não sendo vista esta mudança
No mundo, porque, emfim, não pode ver-se,
Ninguém mudar-me queira de querer-vos,
Que basta estar em vós minha esperança
E o ganhar-se a minha alma ou perder-se,
Para dos olhos meus nunca perder-vos.

(2) Por minha ventura.

Quando o Poeta partiu para a Índia, estava ajustado o casamento da Infanta D. Maria com o príncipe D. Felipe, o futuro rei de Espanha. O que, portanto, lhe restava era esquecer-se do passado, como êle próprio o diz na elegia 1.ª, em que nos dá conta da viagem para aquela região:

¿De que serve às pessoas o lembrar-se
Do que se passou já, pois tudo passa,
Senão de entristecer-se e magoar-se?

Mas o casamento desfez-se por uma forma que muito devia ter magoado a Infanta e o vulcão que parecia quási extinto na alma do Poeta irrompeu com extraordinária violência.

Temos disso a prova na «canção do cruzeiro no estreito de Meca» *(Junto de um séco, duro, estéril monte)*. Ouçamo-lo:

Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda, por certo, que algum'hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi,
E se esta triste voz, rompendo fora,
As orelhas angélicas tocasse
Daquela em cuja vista já vivi,
A qual, tornando um pouco sôbre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ela padecidos e buscados,
E, pósto que já tarde, piedosa,
Um pouco lhe pesasse
E lá entre si por dura se julgasse;

Isto só que soubesse me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto afagaria o sofrimento.
Ah Senhora! Ah Senhora! E que tão rica
Estais, que cá tão longe de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foje todo o trabalho e tôda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;

E logo se me juntam esperanças
Com que, a fronte tornada mais serêna,
Torno os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.

Aqui com elas fico preguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós, Senhora;
Às aves que ali voam, se vos viram?
Que fazíeis? que estáveis praticando?
Onde? como? com quem? que dia e que hora?
Assim, a vida cansada se melhora,
Toma espíritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a ver-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho;
Mas o desejo ardente, que detenças
Nunca sofreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao sofrimento.

Foi nesta disposição de espírito que o Poeta voltou para Goa: terminados os três anos de serviço militar, vir logo para Lisboa, «para tornar a ver, para servir e querer» aquela por quem tanto havia padecido e que agora também tinha o coração a sangrar.

¿Não seria bem olhada a dedicação de um tão fiel amante?

Mas a Infanta já sabia, por experiência própria, de que leviandades, de que imprudências, era capaz o estouvado Poeta, e fêz, por isso, prevenir o governador Francisco Barreto.

E êste, em vez de o deixar vir para o reino, fixou-lhe a residência no ponto mais afastado que lhe era possível, nas Molucas, e proïbiu-lhe que tornasse a ocupar-se da filha de D. Manuel.

Daí o receio expresso no soneto. Daí também a maneira desagradável como nas *Oitavas ao vice-rei D. Constantino*, êle se refere ao govêrno de Francisco Barreto, ao «pesado govêrno que acabava» (v. 77).

Em conclusão: o soneto *Quando cuido*, cuja autenticidade não tem sido nem pode ser posta em dúvida, documenta uma fase da tão complexa vida amorosa de Camões.